

**MORREU NA
CONTRAMÃO**

Sobre o sentido da vida

Arthur Ituassu

Jornalista e prof. da PUC-Rio

M.E. tinha vinte e poucos anos quando seu filho nasceu. Na época, ela voltara a morar com os pais e o irmão mais novo, depois que fora abandonada pelo marido. O apartamento de classe média, de uma pacata cidade do interior do Brasil, não era grande. O pai de M.E., que nunca foi de sorrir, pouco falava daquela situação. Sua mãe cuidava do bebê, que chorava muito. A depressão do fim do relacionamento e o medo de criar uma criança sozinha afastavam M.E. do filho. Numa tarde de sol de quarta-feira, depois de um agradável almoço com a família, ela se jogou pela janela da sala do quarto andar.

O suicídio é uma idéia que assusta. Nas páginas que se seguem, Arthur Dapieve mostra, entre outras coisas, a dificuldade que temos de lidar com o termo – dificuldade esta bem representada na forma como a imprensa em geral trata a questão. E o que o suicídio é senão o que pensamos dele? Em *Morreu na contramão*, Dapieve lembra que muitas vezes explicações simples, como a do desespero e da depressão, são apenas modos pouco eficientes de resolver um dilema mais complexo, que habita o terreno árido da filosofia.

Na obra de Albert Camus, por exemplo, *O mito de Sísifo*, o que está em jogo é muito mais do que uma situação momentânea. Pensar o suicídio é refletir sobre o sentido da vida. Afinal, vale a pena viver tendo consciência do fim?

Para Camus, essa é a questão principal da filosofia. De fato, construímos religiões e noções de amor eterno e tentamos crer numa resposta a uma pergunta sem resposta. O que acontece depois? Se a vida com a ciência da morte é o dilema fundamental da existência humana, vale a pena prolongá-lo? Nos versos de *Augúrios da inocência*, de William Blake, recitado pelo índio chamado Ninguém, no filme clássico do diretor norte-americano Jim Jarmusch, *Dead Man*, a ambigüidade é a resposta: “Toda noite e toda manhã, alguns nascem para o sofrimento; toda manhã e toda noite, alguns nascem para a doce alegria; alguns nascem para a doce alegria, alguns nascem para a eterna melancolia.”¹

Se pouco falamos da morte voluntária, é também porque inventamos fórmulas de evitar o assunto. Dapieve trata disso ao levar em conta o problema do “contágio”, utilizado muitas vezes como justificativa para a indiferença em relação ao tema. O exemplo clássico de *Os sofrimentos do jovem Werther*, de Goethe, que levou a uma onda de suicídios entre jovens germânicos, ainda reverbera nas letras e mentes mais de 230 anos depois de sua publicação.

¹ Tradução minha para: Every night and every morn/Some to misery are born/
Every morn and every night/Some are born to sweet delight/Some are born to
sweet delight/Some are born to endless night.

Seguindo o padrão existencial-cultural do medo apresentado por Dapieve, não consegui pensar em outras palavras introdutórias para uma obra sobre o suicídio que não fossem uma celebração de estar vivo. Procuo sentido e acho imediatamente o amor. Procuo novamente e lembro da última frase do livro: “Fazer a apologia do suicídio, afinal, seria tão inútil quanto fazer a apologia da vida.”